

**FOTOGRAFIA E HISTÓRIA:
ANÁLISE DE MEMÓRIAS DA VILA DE ENTRE-RIOS PELA
PERSPECTIVA DE FONTES FOTOGRÁFICAS**

MESTRANDO: PROF^o ANDRÉ LUIZ REIS MATTOS *

Fotografia, Memória e História.

Ao analisar semioticamente o quadro de Pau Klee, *Ângelus Novus*, Benjamin afirma que este...



Angelus Novus de Pau Klee –
imagem disponível em diversos
site na internet

“Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fecha-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.” (BENJAMIN, 2008: 226)

O passado é o objeto estudado com atenção pelos historiadores; temos nossos olhos voltados para ele. Existe sim incontáveis “ruína sobre ruína” que clamam serem reviradas e reerguidas ou revistas em parte para que o historiador atente apropriar no presente às reminiscências das ações dos sujeitos históricos de outros tempos; desejamos como o Anjo de Benjamin, acordar os mortos e conhecer suas vidas.

O progresso tende mesmo a arrastar a sociedade para o futuro – é sua imperiosa função, nos desviando a atenção do passado, destruindo ou dispersando por sua força de tempestade, os fragmentos históricos, fontes e objetos de estudo e pesquisas,

* Aluno do Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Severino Sombra – Vassouras/RJ. Orientadora: Dr^a Ana Maria Dietrich, Doutora em História pela USP. Desenvolve atualmente o Pós-Doutorado em Sociologia na UNICAMP com o projeto Traumas de guerra na contemporaneidade.

testemunhos e lembranças. Muitos destes desaparecem ou são esquecidos por perda de valor, derrotados nas batalhas de memória e nas construções das histórias oficiais ou totalizantes; são ruínas, restos daquilo ou daqueles que não mais existem, do que não se está presente, e não tem importância para o futuro, o objetivo principal.

Mas o que o Anjo encara fixamente parecendo querer se apartar (por ser, talvez, impossível um encontro) com seus “olhos escancarados, sua boca dilatada e suas asas abertas”? O que estaria relacionado com o passado, com as ruínas, com os fragmentos e com os mortos, mas que permanece “vivo” apesar da força destruidora do progresso?

Ele afronta a memória. Seja individual ou coletiva, preservada no esquecimento (par dialético da lembrança) e na lembrança, e de alguma maneira sempre presente em espaços e ações do homem enquanto ser social e histórico. Citado por Bosi, P. Nora afirma: “A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas.” (BOSI, 2004:16) História e memória estão presentes na análise de Benjamin no processo de relação do passado com o presente, e destes com o progresso, que impele irresistivelmente, o homem para o futuro.

Mas qual é a História que se define na conceituação de Benjamin ao afirmar que esta transforma a imagem do passado em coisa sua? Deste...

“... passado que traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente.” (BENJAMIN, 2008: 223)

É a que não se envergonha no fazer historiográfico de percorrer os campos do conhecimento e da impressionabilidade, desenvolvendo diálogos com as ciências sociais e a memória. “Pensar, portanto, as relações entre memória e história é colocar-se no interior desses diálogos – postura à qual a história [entendo que apenas algumas escolas historiográficas], ingênua ou arrogantemente, tem-se furtado ao reconhecer na

memória apenas aquilo que reflete sua própria imagem e semelhança.” (SEIXAS, 2004:52)

É a História que não se constrói através da narração tradicional, mas de “uma outra narração, uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas,” (GAGNEBN, 2004: 89-90) que não tem preocupação somente com os grandes feitos e fatos, mas que é capaz de não permitir que a parcela do passado silenciada pelos vencedores nas lutas de classe e nos embates políticos e sociais, encontre pousada nos lugares de esquecimento; apropriando-se do que foi relegado, do que não encontrou significação na história oficial, trazendo a “vida” o sujeito histórico, sua memória e seus espaços de relação social, que estavam “mortos”.

“O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida” (BENJAMIN, 2008: 228); ser humano este esquecido nos processos de rememoração e nas comemorações dos calendários, verdadeiros monumentos de uma consciência histórica que o relega enquanto voz dissonante das ideologias dos que num dado período de tempo dominam como “herdeiros de todos os que venceram antes.” (BENJAMIN, 2008: 225)

História que não se apresenta através do tempo unidimensional de uma narrativa sucessiva, até porque “a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz...”; (BENJAMIN, 2008: 225) que não se preocupa com o olhar universalizante de um tempo que Benjamin define como homogêneo e vazio. O historiador que escolhe caminhar por este campo historiográfico entende a impossibilidade do passado apresentar-se no presente como ele realmente realizou-se, e que seu ofício é uma...

“... oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas.” (BENJAMIN, 2008: 221)

É preciso sempre tentar “*acordar os mortos e juntar os fragmentos*”, de suas vidas, que são como os rastros deixados por estes, principalmente quando a sociedade experimenta politicamente o “estado de exceção”, que para Benjamin, a tradição dos

oprimidos ensina que esta conjuntura é na verdade a regra geral. Em “Apague os rastros”, Brecht sinaliza bem esta condição:

“Separe-se de seus amigos na estação
De manhã vá à cidade com o casaco abotoado
Procure alojamento, e quando seu camarada bater:
Não, oh, não abra a porta
Mas sim
Apague os rastros!

Se encontrar seus pais na cidade de Hamburgo ou em outro lugar
Passe por eles como um estranho, vire na esquina, não os reconheça
Abaixe sobre o rosto o chapéu que eles lhe deram
Não, oh, não mostre seu rosto
Mas sim
Apague os rastros!
(...)

Cuide, quando pensar em morrer
Para que não haja sepultura revelando onde jaz
Com uma clara inscrição a lhe denunciar
E o ano de sua morte a lhe entregar
Mais uma vez:
Apague os rastros!
(Assim me foi ensinado.)”

Rastros apagados ou deixados pelo tempo em silêncio, vencidos nas disputas de memória, onde o poder político e econômico impõe ao indivíduo lembranças ou esquecimentos, interferindo nos processos de transformação dos espaços urbanos de relação social; ambiente manifesto das memórias individuais e coletivas, e da formação da identidade cultural do indivíduo.



Fotografias 1 e 2: Casarão dos Nasser: na foto 1 de frente para a Praça da Autonomia na Rua Walmir Peçanha e na foto 2, esquina com a Rua Duque de Caxias com a Rua Walmir Peçanha, no centro da cidade, ambas de 2009. Arquivo da Rádio Três Rios.

Um breve olhar sobre a minha cidade de Três Rios/RJ confirma que não se processa diferente desta realidade, no que concerne às mudanças dos espaços urbanos

(transformados em ruínas) que privilegiam as identificações do moderno e do progresso. Desde meados da década de 60 no governo do então prefeito Alberto Lavinias, se constroem uma outra paisagem física em substituição àquelas que representam as exterioridades marcadamente coloniais, relacionadas à imagem do atraso e da ausência de normalizações civilizadoras de uma sociedade então considerada inadequada para os padrões modernos, como se constata em alguns exemplos recentes.

Em matéria publicada no dia 26/01/2010 às 10 horas e 33 minutos, no site http://www.agenciaserra.com.br/ler_noticia.php?acao=noticia&id=7382 com o título “Três Rios: Como Pilatos, Cultura "lava mãos", possibilitando derrubada do palacete da família Nasser”, o jornalista José Barros, escreveu sobre a demolição de uma das mais tradicionais residências de Três Rios:

“Sem que a prefeitura tomasse a menor providência para evitar a derrubada (...), no finalzinho do ano, quando todos se achavam envolvidos com os festejos natalinos, foi demolida a casa de número 123, da Praça da Autonomia, localizada numa esquina vizinha a da agência do Banco do Brasil, confluência com a Rua Duque de Caxias.” (BARROS, 2010: internet)

Localizado no centro da cidade, a construção do palacete no estilo neoclássico lembrava as consagradas obras do século XIX, informa ainda o autor.

A antiga residência, pertenceu à família do próspero comerciante libanês José Nasser, personagem que exerceu enorme influência na economia da antiga Entre Rios, na década de 1930, sendo que um dos seus filhos foi prefeito da cidade, o falecido Samir Nasser. Ainda José Barros em seu artigo:

“Neste prédio, a presença da platibanda encimando a fachada encobre o telhado, como na maioria das fachadas clássicas; o arco romano emoldurando os vãos; a balaustrada no guarda-corpo. Linhas geométricas simples e calculadas são próprias do neoclássico. A escadaria erguendo o prédio em um terreno plano tem por finalidade conferir monumentalidade. O neoclássico vai buscar essas influências precisamente no Maneirismo, ao final da Renascença. Lamentavelmente, as secretarias de cultura e de Obras da cidade nada fizeram e lá se foi um patrimônio tão valioso que, caso pertencesse a outros municípios que respeitam suas histórias, caso de Petrópolis, Nova Friburgo e até mesmo Paraíba do Sul, certamente teria sido preservado.” (BARROS, 2010: internet)

Os patrimônios de natureza material e imaterial são portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos grupos instituidores das organizações sociais, formando o patrimônio cultural da nação, dos estados e dos municípios.

No final de 2010, com término no início de 2011, o poder executivo de Três Rios, representado pelo seu prefeito e todos os indivíduos sujeitos a sua vontade, com vistas a aprimorar, no futuro, o controle da violência urbana (é o progresso), instalou várias câmeras de segurança em lugares estratégicos da cidade. Deixando de lado os embates históricos, sociológicos e políticos quanto à função Big Brother do Estado, implica perceber que esta ação apenas espelha o realizado por outras cidades como representação de práticas “modernas e progressistas”. Mas o que nos importa é apreender, e as fotografias reproduzidas neste início de capítulo demonstram claramente, o quanto à força do progresso aniquila qualquer interesse com a memória do espaço urbano da cidade de Três Rios e conseqüentemente com a sua história.

A escolha do lugar para a construção da central de monitoramento é a maior expressão do descaso com o passado que se apresenta para o progresso e seus articuladores, apenas como ruína e fragmentos dos mortos, além de demonstrar o desejo de dar visibilidade ao projeto, prática comum dos políticos preocupados com sua imagem e com a possibilidade de reeleição.



Fotografia 3: Obra realizada em antiga entrada para o pátio da Prefeitura Municipal de Três Rios. Na calçada estão colocando os mesmos bloquetes que vem sendo utilizado em diversos locais da cidade. Estrutura amplamente divergente das características do prédio da PMTR, criando um todo de aspectos e gosto duvidosos. Inicialmente seria neste espaço a Central de Comando e Controle, depois resolveram fazer a “belíssima” obra que esta registrada na fotografia 6, não se tendo, até este momento, uma função para este ambiente. Representação fotográfica de janeiro de 2011, do acervo de André Mattos. **Fotografia 4:** Sede da Prefeitura Municipal de Três Rios pelo lado da Rua 14 de Dezembro. No site onde a encontrei: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=587923>, acesso em 02/01/2011, não existe informação do seu autor e ano, mas pela pintura de sua fachada é possível definir o período pós 2000, pois esta tonalidade de cor foi utilizada pelo prefeito Celso Jacob em todos os prédios do governo municipal, tendo iniciado este o seu mandato no referido ano. Observa-se abaixo a direita o espaço onde estava um portão para o pátio.

Como se pode constatar pelas fotografias, se destruiu o jardim, alterou o piso da calçada e a própria fachada principal da sede da Prefeitura Municipal de Três Rios, impregnando visualmente de “modernidade” um prédio cuja obra é datada da década de 40; além da outra arquitetura lateral que também reflete este estado comum nas cidades brasileiras e que foi construída para ser a sede da Central de Comando e Controle, mas que no momento encontra-se sem função. Seria muito mais fácil utilizar-se de salas e lojas disponíveis no mercado imobiliário, mas, como não fazê-lo em um espaço social como o entorno a Praça São Sebastião, muito freqüentado pela população trirriense?

A demolição do Casarão dos Nasser e a construção da sede do Big Brother representam marcos finais deste processo, pois poucas residências particulares e espaços arquitetônicos, representativos do período inicial de urbanização da Vila de Entre Rios, se mantêm intactos; a maioria foi demolida, alterada, remodelada ou substituída por construções mais modernas, alargamento de ruas, edifícios residenciais e shoppings comerciais. A organização dos espaços urbanos se apresenta simultaneamente como



Fotografias 5 e 6: Central de Comando e Controle construída em frente ao prédio da PMTR, no local onde existia um jardim. Construção “moderna” onde as “paredes” de vidro inicialmente permitiriam aos cidadãos acompanharem os trabalhos e observarem as telas onde aparecem as imagens das diversas câmeras espalhadas pela cidade. A calçada foi modificada com bloquetes, árvores arrancadas, afetando em muito a fachada do antigo prédio. Representações fotográficas de janeiro de 2011, do acervo de André Mattos. Na **Fotografia 7** observa-se a mesma fachada do prédio, recebendo as cores do “governo” do atual prefeito Vinicius Farah. Na imagem o jardim que foi substituído e também as letras identificando Prefeitura do Município de Três Rios, incluídas na arquitetura do prédio pelo mesmo prefeito, presentes nas duas imagens anteriores. Fotografia do acervo da amiga Lídia Machado, encontra-se em seu blog na página: <http://recantodalidia.blogspot.com/2010/09/centro-da-cidade-de-tres-rios.html>. Acesso em 03/01/2011.

ação para formação de ambientes e de memória, desta que une o homem ao tecido social e regula a sua atuação e hábitos de convivência nestes espaços.

Esses movimentos que atravessam a sociedade, “tempestades que sopram do paraíso”, afetam o que se encontra sedimentado, desfazendo, reinventando, aparentemente modificando, criando novos corpos exteriores nos antigos hábitos e ações do homem no seu grupo social, provocando a remodelação dos ambientes sociais, verdadeiros espaços de lutas de poder, onde na maioria das vezes a memória das identidades e representações, perde a batalha para os poderes econômicos e políticos.

As transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas no período histórico de formação do núcleo urbano da Vila de Entre-Rios (hoje Três Rios), refletem a maneira de se viver nos e construir os espaços físicos, nas formas arquitetônicas utilizadas e nos objetivos traçados para suas construções e na formação dos contextos sociais da memória, desta “memória-habito” (conforme o pensamento bergsoniano); havendo perdas de referenciais e representações do tempo inicial, quando das reformas ou demolições destes espaços.

“Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade”, (BOSI, 2004:16) por este motivo que o estudo do patrimônio cultural material dos lugares urbanos e das manifestações sociais nestes, permitem ao historiador entender a própria identidade social e cultural da cidade, cabendo a este a análise do conjunto de vestígios/fragmentos trazendo “uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembrança;” (HALBWACHS, 2009: 32-33)



Fotografias 8 e 9: Obra finalizada, mas não inaugurada, em fevereiro de 2011; o insulfilme foi colocado após determinação judicial que considerou violação do direito individual a exposição pública das imagens monitoradas. Fotografia acervo André Mattos de fevereiro de 2011.

Como trazer para as gerações futuras as lembranças dos referenciais urbanos, fundamentais para a compreensão e perpetuação do patrimônio cultural material arquitetônico e da própria memória individual e coletiva deste município, se o processo de urbanização atual, essencialmente definido pela organização dos espaços sociais, privilegia a substituição do antigo pelo moderno, fazendo desaparecer o primeiro literalmente transformado em pó? Como não permitir que “o esquecimento, que atravessou o rio Letes...” seja funesto, acarretando “... também à letargia da cognição do presente?” (BOSI, 2004:44)

A fonte historiográfica que melhor responde a esta indagação é a que no início deste capítulo permitiu-nos pelo menos constatar as transformações ocorridas na paisagem urbana do município de Três Rios: a fotografia; esta por si mesma não rememora o passado, “não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi;” (BARTHES, 2008:127); não é memória, mas é o testemunho, a lembrança de um sujeito ou de um grupo social, num determinado tempo histórico, podendo esta assumir lugar no quadro de referências de nossas lembranças no presente. São fragmentos das memórias que reforçam, enfraquecem ou completam o conhecimento a propósito de determinado evento sobre o qual temos algumas informações, embora podendo em determinadas circunstâncias a ele relativas, permanecerem obscuras.

*“Diante de uma foto, a consciência não toma necessariamente a via nostálgica da lembrança (quantas fotografias estão fora do tempo individual), mas, sem relação a qualquer foto existente no mundo, a via da certeza: a essência da Fotografia consiste em ratificar o que ela representa. Certo dia, recebi de um fotógrafo uma foto minha, sendo-me impossível, apesar de meus esforços, lembrar-me de onde ela fora tirada; eu examinava a gravata, o pulôver, para descobrir em que circunstância eu os tinha usado; trabalho inútil. Todavia, **porque era uma fotografia** (destaque do autor), eu não podia negar que eu tinha estado lá (mesmo que eu não soubesse onde). Essa distorção entre a certeza e o esquecimento me deu uma espécie de vertigem, e como que uma angústia policial (o tema de Blow-up não estava distante); fui ao vernissage como a um inquérito, para enfim tomar conhecimento daquilo que eu não sabia mais a meu respeito.*

Nenhum escrito pode me dar essa certeza.”(nosso destaque) (BARTHES, 2008:127-128)

É por causa desta “essência” que uma série de fotografias, mesmo que de autores diferentes, de um mesmo tempo histórico ou não, mas referindo-se a um mesmo grupo e espaço social, permite uma leitura/conhecimento das transformações dos espaços sociais e das memórias-habitos dos indivíduos e da coletividade inserida nestes espaços e uma construção historiográfica através de uma narrativa imagética dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, encontrando-se ou não paralelo com outras fontes históricas, principalmente quando os olhares de exame do historiador não se achem apenas ao campo nostálgico da memória.

Cada espaço vivido surge com funções originalmente particulares e distintas e no processo de formação destes as suas respectivas histórias e memórias se entrelaçam. Os registros fotográficos revelam-se de suma importância por permitirem a observação cuidadosa dos processos de rupturas, continuidades e sobreposições arrastados no âmbito das alterações urbanas da cidade de Três Rios; sendo possível esta compreensão pelo papel de perpetuação dos fatos e tempos históricos, que principalmente o material fotográfico disponível de diversos acervos, concede. “Esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam.” (HALBWACHS, 2009:32-33)

Jean Duvignaud afirma que Maurice Halbwachs “mostra que é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza a essa reconstrução que chamamos de memória” (HALBWACHS, 2009:7-8) A fotografia permite o conhecimento destes contextos e a análise da consciência coletiva, cuja trama Durkheim “pressentira ser imanente às consciências parciais que a compõem, umas permeáveis em relação às outras.” (HALBWACHS, 2009:8)

“Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais,”” e a imagem fotográfica é “uma coisa viva... que sobe do passado com todo o seu frescor. Chamada de novo, trabalhada pela percepção do agora, arrisca-se a fugir da captura de um presente que não se reconhece nela.” (BOSI, 2004:20)

Bibliografia

- 1 BENJAMIN, Walter. “*Sobre o Conceito da História*”, in “*Walter Benjamin – Obras Escolhidas Vol. I – Magia e Técnica, Arte e Política.*” São Paulo. Editora Brasiliense. 11ª Reimpressão. 2008.
- 2 BOSI, Ecléa. “*O Tempo Vivo da Memória. Ensaio de Psicologia Social*”. Ateliê Editorial. São Paulo/SP, 2ª Edição, 2004.
- 3 SEIXAS, Jacy Alves de. “*Percursos de Memórias em terras de História: problemáticas atuais*” In “*Memória e (Res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*”. Organização de Bresciani e Naxara, Stella e Marcia. Editora Unicamp. Campinas/SP, 2004.
- 4 GAGNEBIN, Jeanne Marie. “*Memória, História, Testemunho*” In “*Memória e (Res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*”. Organização de Bresciani e Naxara, Stella e Marcia. Editora Unicamp. Campinas/SP, 2004.
- 5 BARROS, José. “*Três Rios: Como Pilatos, Cultura "lava mãos", possibilitando derrubada do palacete da família Nasser*”. Disponível na internet via: <http://www.agenciaserra.com.br/ler_noticia.php?acao=noticia&id=7382>. Acessado em: abril de 2010.
- 6 HALBWACHS, Maurice. “*A Memória Coletiva*”. Nova tradução de Beatriz Sidou. Centauro Editora, São Paulo/SP. 2009.
- 7 BARTHES, Roland. “*A Câmara Clara*”. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2008.